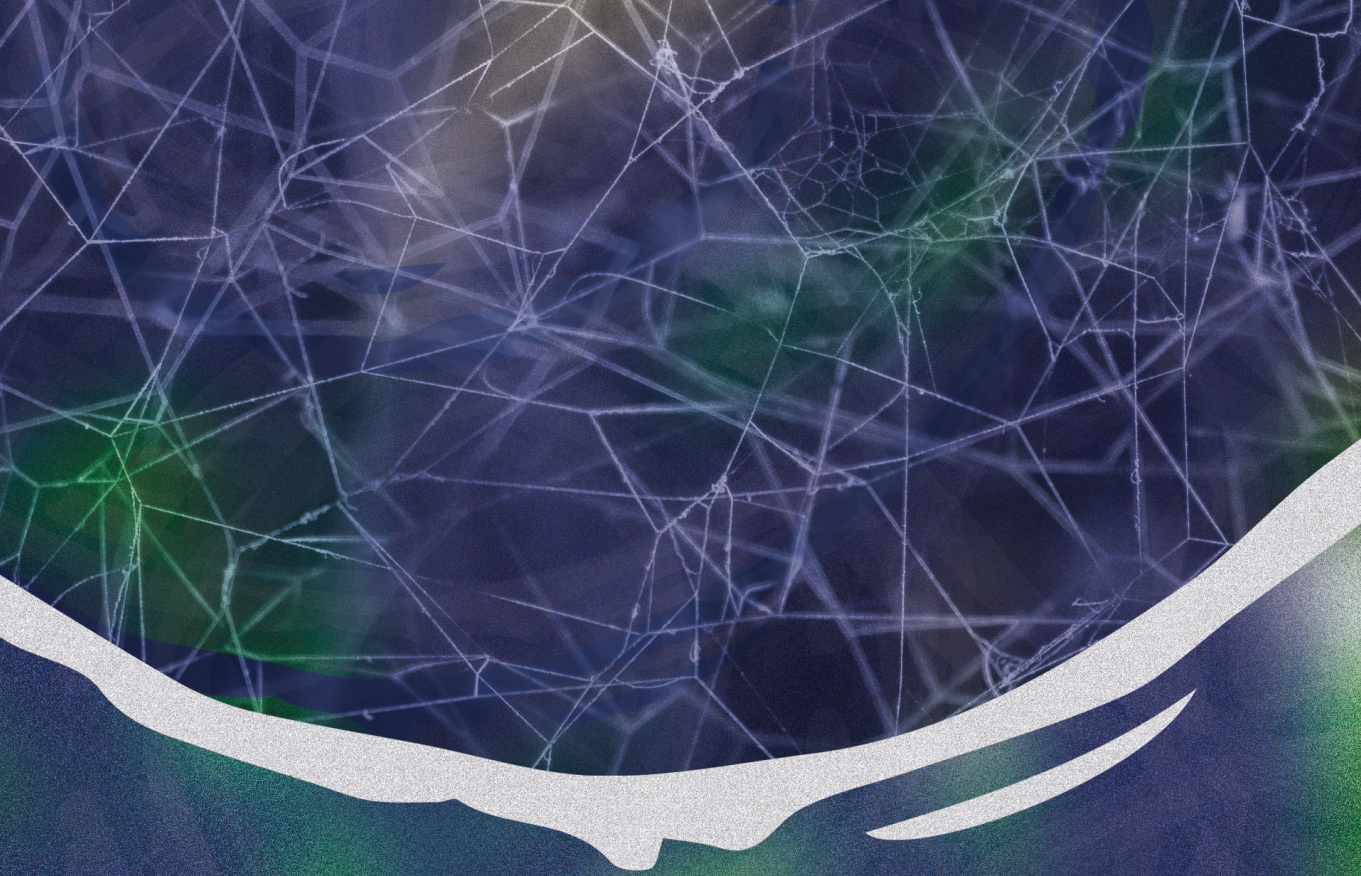


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 4 – Escolas

“Henriqueeeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio”

Sarah Ingrid Pereira Guedes

Era uma manhã ensolarada, um dia como qualquer outro. Henrique brincava na rua de futebol com seus irmãos e logo se aproximava a hora de ir para o colégio. De longe ouviu um grito que ecoava seu nome: “Henriqueeeee, hora de tomar banho para o colégio!”. Seus irmãos, ainda muito novos, não tinham o compromisso de ir para a aula. Henrique entrou em casa e foi direto para o banheiro, como mandava sua mãe.

Henrique era um garoto muito espoleta, gostava muito de brincar, de ajudar a mãe nas atividades em casa, de ir à escola. Contudo, ele tinha uma diferença dos seus irmãos e colegas de classe: suas orelhas eram maiores do que o comum, o que costumamos chamar de “orelha de abano”. Henrique fugia de espelhos, tinha complexo de inferioridade e sofria muito bullying.

Chegada a hora de ir para escola, Henrique pegou o seu material e foi com sua mãe até a parada, para esperar o ônibus escolar. Sua mãe não sabia o que se passava com Henrique na escola, e mesmo assim ficava muito contente em poder enviá-lo à escola, já que ela não teve essa oportunidade. Chegou o ônibus, Henrique entrou e, antes mesmo de chegar na escola, já começava o sofrimento. “Henrique parece o Dumbo”, “Henrique, se não tomar cuidado, vai voar”, mas, Henrique, como forma de “aceitação”, entrava também nas brincadeiras de mau gosto para tentar burlar o seu sentimento de tristeza. Todos os dias era essa bagunça dentro do ônibus, e Henrique já até estava acostumado. Entretanto, esse dia não seria um dia comum para ele. Ao descer do ônibus, ele seguiu em direção à escola e foi para sua sala.

Atrás da porta, tinha algo inesperado. Quando colocou os pés na porta e entrou, sentiu dois tapas em sua cabeça e, logo depois, inúmeras gargalhadas. Sentindo a dor dos tapas, mas ainda sem entender o que tinha acontecido. Ele foi para sua cadeira e desabou em lágrimas. Ele não entendia o porquê daquilo, era um bom aluno, obediente e fazia todas as atividades. A sua única “diferença”, se pudermos falar assim, eram as suas orelhas um pouco avantajadas.

Chegada a hora de a professora entrar em sala, ela se deparou com Henrique chorando e percebeu que o aluno não conseguia responder o motivo do choro. A professora, sem tempo para ficar insistindo, deixou-o e foi para a lousa começar as atividades. Ao dar as costas para a turma, ela sentiu alguma coisa em sua cabeça e notou que se tratava de uma bolinha de papel.

Ela perguntou à turma quem tinha sido e Henrique, por estar nas últimas cadeiras e estar de cabeça baixa chorando, levou a culpa. A professora, por já conhecer o comportamento de Henrique, não acreditou na turma e avisou que se não aparecesse o culpado, a turma toda levaria uma advertência. E assim foi, o culpado não apareceu e a turma toda levou uma advertência para casa.

O bullying que Henrique sofria era muito doloroso. Ele se sentia excluído, tinha medo dos colegas e não conseguia se enturmar por medo das retaliações. Uma criança vinda de uma família carente, para quem a escola poderia ser o seu escape, sua distração, vivia um martírio por conta do bullying sofrido.

No documentário *Human* (2015), de Yann Arthus-Bertrand, em um de seus volumes, o vídeo nos apresenta uma pluralidade de cenários de seres humanos para tentarmos entender de onde somos e quem somos. Do minuto 15 até o minuto 24, vemos a participação de sete personagens: *i)* uma criança pobre que não pode pagar a escola; *ii)* um homem que não frequentou a escola; *iii)* uma mulher que gostaria de estudar, mas tem filhos; *iv)* um agricultor que fala sobre o resultado de aprovação de um filho; *v)* uma jovem negra e sua mãe em um campo de refugiados; *vi)* um homem branco que discursa sobre largar a escola; *vii)* uma mulher que relata sobre o papel de um professor na sua vida. Esse documentário traz pessoas de diversas culturas e religiões para nos contar sobre suas vivências, o que é de uma genialidade incrível. O conjunto de pessoas, com a trilha sonora, se torna uma obra-prima a que a nossa sociedade teria grande necessidade de assistir, além de se olhar no espelho e ver que o sentimento e a vivência do outro também importam.

Podemos associar o caso de Henrique com o caso da mãe que queria estudar, mas, em seu país, as mulheres não tinham direito a nada, principalmente se já tivessem filhos. A mãe de Henrique não teve a oportunidade de estudar, teve que começar a trabalhar muito cedo para ajudar a família e, com o passar do tempo, não teve essa possibilidade. Ela teve seus filhos e tinha em mente o projeto de não os deixar fora da escola. E assim estava fazendo com Henrique, seu filho mais velho, mesmo sem saber os dilemas que ele sofria na escola. Ela dava toda força e ajudava no que podia para que ele não desistisse.

A educação deveria e deve ser um direito fundamental para todos. A educação é um processo de desenvolvimento próprio. E ela deve ser vista como um direito visando alcançar os seus fins. A Constituição Federal de 1988 nos dá a base de que a educação é um direito de todos:

> Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.
>
> Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; [...]
>
> Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade. [...]

> Art.213.Os recursos públicos serão destinados às escolas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que: I – comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação. (BRASIL, 1988)

Brandão (1985) nos diz que ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja e na escola. A experiência de Henrique é um caso que necessitaria de uma atenção maior da professora da classe, da gestão da escola, da comunidade escolar em si, para comunicar o que estava acontecendo para a família. Aquelas práticas que as outras crianças vinham aprendendo estavam erradas e estavam se transformando em hábito em suas vidas. Entretanto, como Brandão coloca, o aprendizado acontece dentro de casa, na rua, então, acaba sendo impossível controlar o que uma criança aprende ou não a fazer, mas é possível, sim, ensinar o que é o aprendizado certo e errado. Ainda seguindo esse autor: “na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer” (Brandão, 1985, p.12).

No texto de Cardoso de Oliveira (1996), compreendemos que o olhar, ouvir e escrever são três facetas que devem ser utilizadas em diversos ângulos em nossas vidas, e no campo da Antropologia é imprescindível a sua utilização orientada pela disciplina. Para Oliveira, o olhar, ouvir e escrever são considerados como “faculdades do entendimento”. Se pararmos para observar, ele estaria certo, pois são coisas naturais que fazemos na nossa rotina, mesmo que o foco não seja uma pesquisa em si.

Imaginemos que se todo o bullying sofrido por Henrique fosse observado pela professora ou pela comunidade escolar. Será que todo aquele sentimento guardado por ele estaria realmente presente? A observação é o ato de observar, isso significa ter a atenção direcionada para algo específico, com o intuito de entender, julgar, analisar ou investigar determinada coisa ou alguém. A falta de observação da professora e dos demais profissionais da escola seria uma das causas de tanto sofrimento para Henrique. Quando estamos dentro de sala, temos que estar atentos a qualquer tipo de brincadeira, de comentário, pois não sabemos se aquilo pode ou não atingir aquela criança. A observação, portanto, é fundamental, tanto na Antropologia quanto na prática pedagógica.

Henrique era muito novinho e ainda não tinha o entendimento de contar para a mãe o que sofria na escola e por isso ela não sabia o que se passava. Ela percebia que Henrique fugia dos espelhos e que ficava incomodado quando via alguém o observando de forma direta, mas ela não percebia que isso lhe causava tantos problemas.

Para finalizarmos esses pensamentos sobre a experiência de Henrique, é possível concluir que a observação muda situações. Se aquela professora fosse mais presente na vida de Henrique, poderíamos pensar que talvez aquilo não acontecesse. O bullying é sofrido por diversas crianças, mas dentro de sala ele tem que ser observado e devem ser tomadas as devidas correções. O apoio pedagógico é de extrema importância em casos como esse, para que não haja a diminuição na evolução do aluno e nem um problema futuramente maior como, por exemplo, um caso de depressão. O olhar, ouvir e escrever são ferramentas que usamos na nossa rotina naturalmente, mas treinar essas ferramentas utilizando um trabalho pedagógico pode facilitar suas aplicações e, com isso, concluímos aqui o caso de Henrique.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO